



# ELE ESTUDA, ELA ESTUDA

Para escolas "single sex", meninos e meninas aprendem de forma diferenciada; mas modelo não tem aceitação unânime no meio educacional

Caminhando pela Escola do Bosque, em Curitiba (PR), vemos pequenas turmas de ensino fundamental, formadas apenas por meninos e com professores homens. Durante a entrevista da reportagem com o diretor, um grupo de alunos do 3º ano vai para o refeitório, com toda a energia natural da idade, alguns correm pela escada, mas acalmam o ritmo ao verem o professor. Continuando a caminhada, atravessamos algumas dezenas de metros de mata nativa e chegamos à Escola dos Mananciais. Localizada no mesmo terreno e administrada pelo mesmo grupo da Escola do Bosque, a instituição é apenas para meninas. Ao verem o gestor, as alunas correm para abraçá-lo e contar sobre o formigueiro que encontraram. "A diferença entre eles é visível e, em um ambiente homogêneo, os alunos têm toda a

liberdade de desenvolver seu potencial e expressar seus interesses e habilidades, sem críticas ou comparações", comenta Valdir Fernandes, diretor de formação das escolas do Bosque e dos Mananciais.

Fernandes se refere, principalmente, às diferenças no processo educacional que se percebe entre meninos e meninas. Segundo o diretor, cada sexo responde de uma forma ao estímulo recebido. "Na alfabetização, por exemplo, a parte do cérebro destinada às habilidades linguísticas permite às meninas mais facilidade para ler e escrever nos primeiros anos escolares. Os meninos requerem uma atenção diferenciada. Em uma sala mista, as comparações são inevitáveis e os garotos criam certa rejeição a essa disciplina, por não se adequarem como as garotas. O professor, por outro lado, acaba tendo que nivelar os alunos, o que geralmen-

te 'atrasa' as meninas e exige muito dos meninos", avalia.

O doutor em Neurofisiologia e professor de neurociência aplicada à educação, Amauri Betini Bartoszeck, confirma essa diferença em indivíduos entre 7 e 17 anos e comenta que o mesmo acontece na área do cérebro destinada às noções espaciais, a qual influencia diretamente o aprendizado da Matemática. Só que, nesse caso, quem apresenta maior facilidade são os meninos. "Enquanto as meninas desenvolvem mais cedo a habilidade motora fina, tornando a sua grafia mais eficiente, os meninos utilizam com mais intensidade o hipocampo, facilitando as tarefas espaciais e o aprendizado de matemática e álgebra, por exemplo. Os garotos têm maior facilidade com a abstração, enquanto as garotas precisam de uma abordagem mais concreta,

que utilize itens com os quais estão familiarizadas”, explica. Bartoszeck ressalta que ambos têm a mesma capacidade de aprender, mas que é importante que haja uma abordagem personalizada para garantir um processo de aprendizado mais eficiente. “É preciso oferecer o mesmo tipo de instrução, mas de forma diferenciada.”

Para Fernandes, não levar em conta essas diferenças cognitivas pode resultar em meninas com dificuldades nas ciências exatas e meninos com pouco interesse pelas ciências humanas. Dados apresentados no I Congresso Internacional sobre Educação Diferenciada, que aconteceu em Barcelona (Espanha), em 2007, mostram como esse cenário é diferente entre os alunos de educação separada por sexo (veja gráfico ao lado).

O gráfico mostra que entre os alunos de escolas separadas por sexo é muito pequena a diferença entre meninos e meninas que escolheram cursar disciplina optativa de Matemática. Já entre os alunos de escola mista, o número de garotas interessadas nessa disciplina é menos que a metade de garotos. No mesmo congresso, foi avaliado também o interesse dos alunos pela disciplina de Letras (no caso, alemão) e os resultados são similares: há uma diferença mínima entre alunos e alunas provenientes da educação diferenciada por sexo, mas entre os estudantes de escola mista, há um interesse muito maior das meninas (veja este outro gráfico ao lado). O estudo foi realizado em Rheinland-Pfz, na Alemanha.

Segundo o Ministério da Educação (MEC), existem hoje no Brasil 254 escolas só para meninos e 183 instituições de ensino apenas para meninas. No mundo, segundo dados apresentados em 2009 no II Congresso Latino-Americano de Educação Diferenciada, são mais de 210 mil escolas diferenciadas por sexo, que atendem a mais de 40 milhões de alunos. “Esse é um modelo que tende a crescer. Não é retrocesso, é uma proposta de vanguarda”, avalia Fernandes.

## OUTRAS VERTENTES

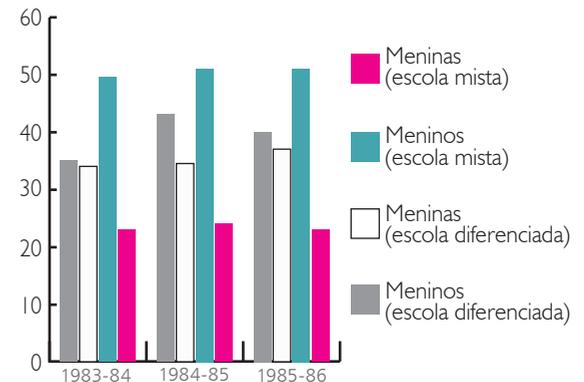
Marília Carvalho discorda. Professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP) e especialista em educação e relações de

gênero, ela afirma que as escolas diferenciadas por sexo são herança da tradição religiosa em que a docência ficava a cargo de padres e freiras e os valores morais ditavam ser inadequada a convivência entre jovens dos dois sexos. A abertura ao sexo oposto nas escolas confessionais começou na década de 1970 e, para a pesquisadora, principalmente, por pressão do mercado e das mudanças de costumes ocorridas desde então. “Essa pressão decorreu também da convivência das famílias de setores médios da população de que não havia motivo para manter seus filhos e filhas em colégios diferentes.” Segundo Marília, não há qualquer justificativa pedagógica, nem houve debates pedagógicos sobre essas mudanças. A educadora também questiona os argumentos biológicos que são levantados como forma de justificar a separação. “Estudos da área médica, feitos por neurologistas e psicólogos que buscam se despir de pressupostos, mostram que não há tais diferenças a priori: elas são sempre uma resultante da combinação do desenvolvimento físico com as oportunidades, exigências e pressupostos que temos para cada sexo.”

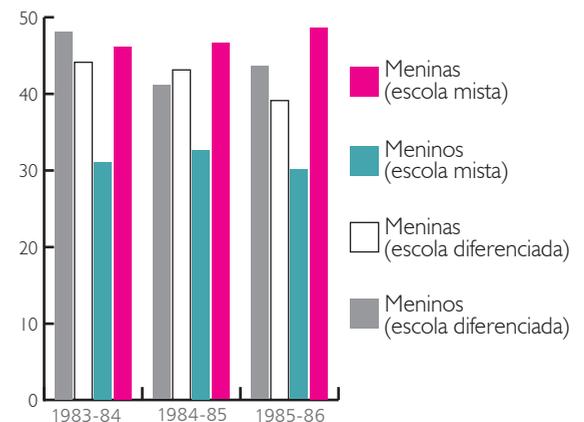
O Colégio Padre Antônio Vieira, no Rio de Janeiro (RJ), que até 1992 era exclusivo para meninos, tornou-se misto por questões logísticas. Para a diretora Vera Rudge Werneck, a rotina atual é facilitada se os pais podem manter seus filhos em uma mesma escola. Apesar de não ter percebido nenhum prejuízo do ponto de vista pedagógico e disciplinar com o ingresso das meninas na escola, Vera avalia que a separação também pode ser benéfica. “O ideal seria que houvesse convivências ocasionais e separações também ocasionais. Assim, o processo de ensino poderia especializar-se cada vez mais, procurando atender a todas as peculiaridades de cada sexo, com maior atenção possível”, comenta.

Essa proposta de uma escola em que há meninos e meninas mas na qual cada sexo aprende separadamente é uma das ideias do médico e

## PORCENTAGEM DE ALUNOS QUE ESCOLHEM A DISCIPLINA OPTATIVA DE MATEMÁTICA



## PORCENTAGEM DE ALUNOS QUE ESCOLHEM A DISCIPLINA OPTATIVA DE ALEMÃO



Fonte: Diferentes, Iguais, Juntos? – Educación Diferenciada (Editora Ariel)

educador Leonardo Amaya, professor nas Universidades de Rosário e de La Sabana, em Bogotá, Colômbia. “As principais vantagens da educação diferenciada não estão nas escolas separadas por sexo e, sim, na aprendizagem específica. O ambiente escolar é um local essencialmente social e o que meninos e meninas fazem fora da zona específica de aprendizagem não prejudica o processo de ensino”, afirma. Amaya ressalta, entretanto, que a escola não deve ser o único espaço de convivência social e que as crianças precisam ter convívio em outros locais. “Basta analisar as consequências do bullying quando a escola é o único local de relações sociais”, acrescenta.

No caso da Escola do Bosque e Mananciais, em Curitiba, não há interação entre meninos e meninas, pois se baseiam em um modelo formatado na Espanha. “São duas escolas separadas e independentes, onde os conteúdos de ensino são os mesmos. O que propõem são métodos de aprendizagem diversos para conseguir explorar mais plenamente a igualdade entre homens e mulheres, não para atentar contra ela”, afirma Fernandes. O diretor ressalta, ainda, que essa é uma opção pedagógica, com objetivos acadêmicos.

Curiosamente, a separação por sexo não é, necessariamente, a primeira característica avaliada pelos pais que optam pela escola curitibana. Ney José Kloster, que tem uma filha no 2º ano da Escola dos Mananciais, afirma que escolheu a escola por outras razões, como a formação integral das crianças e a concepção da família como o centro responsável pela educação. “No princípio, a educação diferenciada não foi o mais importante, mas após um ano e meio vejo grandes benefícios. Notei que é uma forma de facilitar a educação para a minha filha. Hoje já não abro mão da educação diferenciada”, comenta.

A professora Marília Carvalho não questiona os resultados acadêmicos das escolas diferenciadas por sexo, mas avalia que a escola tem um papel muito maior do que simplesmente formar bons alunos. “A escola não pode visar apenas bons resultados em testes: ela é um espaço fundamental de aprendizagem de cidadania, respeito, convivência igualitária entre as diferenças e, entre elas, as diferenças de sexos. Como fazer isso em escolas separadas?”, analisa. **G**

#### + Na web

[www.whygendermatters.com](http://www.whygendermatters.com), de Leonard Sax, autor do artigo *Why gender matters: what parent and teachers need to know about the emerging science of sex differences* (Por que o gênero importa: o que pais e professores precisam saber sobre a emergência da ciência das diferenças entre os sexos).

[www.michaelgurian.com](http://www.michaelgurian.com), de Michael Gurian, autor do livro *Boys and Girls Learn Differently* (Meninos e Meninas Aprendem Diferentemente, em tradução livre).

[www.sfu.ca/~dkimura](http://www.sfu.ca/~dkimura), de Doreen Kimura, especialista em neurobiologia cognitiva, precursora de estudos sobre a diferença biológica entre os sexos.

## CONTRA

“Se há benefícios nas escolas diferenciadas por sexo, sem dúvida eles são ofuscados pelas desvantagens dessa proposta. Nos dias atuais, estamos lidando com uma educação, uma sociedade essencialmente plural, diferenciada, que busca a integração. Se diferenciamos escolas por gênero, então, também poderíamos separar escolas de negros, escolas para branco, para homossexuais e heterossexuais, para latino-americanos e europeus. Acaba sendo feita uma segmentação em uma escola que deve ser plural, por isso que eu digo que os benefícios são ofuscados pelos malefícios em uma sociedade que quer ser plural e diversa. Há alguns estudos mais conservadores que falam sobre a diferença na aprendizagem de meninos e meninas. São, em geral, pesquisas de psicologia que abordam o lado biológico ou estudos biológicos pautados na questão cognitiva. E essa é uma das faces possíveis para avaliar essa questão. Mas o sujeito está na escola e, quando sair, vai lidar com uma sociedade plural. Sendo assim, dentro da escola, precisamos desenvolver um espaço diverso onde as pessoas possam já experimentar as relações que encontrarão na sociedade. Há diferenças de interesses entre meninos e meninas? Sim, por isso, acredito que o ensino deva ser plural, mas que possa contar com algumas abordagens diferenciadas para intensificar a educação de forma diferente. Então, é possível desenvolver oficinas, projetos, trabalhos pedagógicos, que façam com que as crianças que tenham determinados talentos e determinada pré-disposição tenham a possibilidade de desenvolver essas habilidades de forma específica. Mas não é necessária a segregação lá na origem.”



**Marcelo Ricardo Pereira** é psicólogo, mestre em Educação e doutor em Educação e Psicologia. É professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e coordena a área de pesquisa em Psicologia, Psicanálise e Educação.

## A FAVOR

“Homens e mulheres são profundamente iguais e profundamente diferentes. Na etapa escolar, meninos e meninas diferem em seus ritmos de maturação (físico, psíquico e cognitivo – não na capacidade) e nas inclinações naturais (seus interesses, inquietudes, gostos, formas de se sociabilizar, de reagir diante de idênticos estímulos, maneiras de brincar, afetividade e comportamento). Há um distanciamento natural entre eles, basta observar a tendência espontânea em sala de aula: agrupam-se por sexos e brincam separadamente. Meninos são guerreiros. Meninas negociadoras. Eles gostam de jogos ativos e competitivos, com definição de ganhadores e perdedores, e estabelecem uma ‘hierarquia de dominação’. As meninas fogem do risco, formam grupos reduzidos, não hierárquicos, sem líderes; raramente competem e optam por manter a harmonia social. E há inúmeras outras diferenças que se estendem até a puberdade.

Diante de tudo isso, faz-se obrigatório seguir estratégias educativas diferenciadas para evitar o engano pedagógico de dar um tratamento idêntico aos alunos. É preciso refletir sobre as diferenças de gostos, atitudes e aptidões e seguir estratégias educativas diferenciadas. Personalizar a educação significa levar em conta as necessidades da pessoa naquilo que faz necessário a sua educação. Estão entre alguns benefícios da educação diferenciada: menor agressividade, melhor autoestima, resultados acadêmicos melhores, verdadeira igualdade de oportunidades. Os resultados da educação diferenciada são ótimos. Segundo o *The Daily Telegraph*, neste último ano, entre as 50 melhores escolas da Grã-Bretanha, 36 eram só de meninos ou só de meninas. E nos últimos cinco anos, 94% das 25 melhores escolas ofereciam também ensino diferenciado.

Sobre as relações sociais, é importante lembrar que a escola não é o único espaço de sociabilização disponível. Um ano de período integral na escola significa 16% de tempo da criança. ”



**Valdir Fernandes** biólogo e pedagogo, é mestre em Zoologia pela Universidade de São Paulo (USP) e diretor de formação da Escola do Bosque e Mananciais, de Curitiba (PR).